

# FALA MESMO, SINHÁ ! FALA QUE NEM UMA GENTE ! <sup>1</sup>

Para Ana Maria Machado

Marisa Lajolo

- Mas, afinal de contas, Emília, que é que você é ?  
Emília levantou para o ar aquele implicante narizinho de retrós e respondeu:  
-Sou a Independência ou Morte ! <sup>2</sup>

Emília, uma bonequinha de pano de quarenta centímetros, protagoniza as obras infantis de Monteiro Lobato e incendeia a imaginação de todos os seus leitores. Inferniza, ao mesmo tempo, a vida de quem quer estudá-la, embaralhando de propósito os fios que poderiam tecer sua história. Dezesseis anos depois de ser apresentada ao mundo da letra impressa - pois ela nasce em A menina do narizinho arrebitado (1920) - Emília inicia suas memórias (publicadas em 1936) parodiando deslavadamente o início da famosa história de Robinson Crusóe:

- Nasci no ano de ... ( três estrelinhas), na cidade de ... ( três estrelinhas) filha de gente desarranjada ..<sup>3</sup>.

Quando o Visconde de Sabugosa, escriba compulsório das memórias da boneca lhe pergunta

- Por que tanta estrelinha ? Será que quer ocultar a idade ?

Emília responde sem titubear, e como sempre, sem papas na língua:

- Não. Isso é apenas para atrapalhar os futuros historiadores, gente muito mexeriqueira (...)<sup>4</sup>

Mas qual é o cacife desta figurinha que tão ousada e presunçosamente desafia a todo-poderosa tribo do historiadores ?

Como já se disse, Emília, nasceu boneca de pano, de trapo de macela e ficou sendo a companheira preferida de Narizinho. Narizinho era o apelido de Lúcia, neta de Dona Benta, velhota simpática de mais de sessenta anos, óculos de ouro na ponta do nariz e dona do Sítio do Picapau Amarelo. Emília foi fabricada com retalhos de uma saia velha, olhos de retrós e recheio de macela por Tia Nastácia, cozinheira e faz-de-tudo no sítio de Dona Benta.

Em diferentes momentos da obra infantil de Monteiro Lobato, diferentes narradores apresentam Emília ao leitor. A estréia da boneca na primeira história infantil de Lobato ocorre num texto muitas vezes republicado e profundamente alterado nas várias versões posteriores. Nesta versão primeira, no entanto, se o leitor já percebe a genialidade do escritor, não tem ainda muitas razões para antecipar a excepcionalidade de Emília. Só alguns ...

Chamada pelo narrador de *Excelentíssima Senhora Dona Emília*, a boneca é apresentada, na obra que inaugura o gênero infantil moderno no Brasil, como

(...) uma boneca de pano, fabricada pela preta e muito feiosa, a pobre, com seus olhos de retrós preto e as sobrancelhas tão lá em cima que é ver uma cara de bruxa.

Mas apesar disso, Narizinho quer muito bem à Sra. Dona Emília, vive a conversar com ela, e não se deita sem primeiro acomodá-la numa redinha armada entre dois pés de cadeira <sup>5</sup>

---

1 Texto publicado em Personae. org. Lourenço Dantas Mota e Benjamin Abdalla. São Paulo: Ed. Senac. 2001 p. 119-137

2 Monteiro Lobato, J.B. Memórias da Emília. SP: Editora Brasiliense 42ª ed. 1994 p. 48  
3 id.ib. p. 10

4 id.ib. p. 10

5 Monteiro Lobato. A menina do narizinho arrebitado. Livro de figuras por Monteiro Lobato com desenhos de Voltolino. Edição da Revista do Brasil. Monteiro Lobato & Comp. São

Bem mais tarde, em suas memórias, Emília passa recibo dessas feições de seu antigo retrato, assumindo com desembaraço sua feiúra e a pobreza simplória dos materiais de que é feita :

- (...) nasci de uma saia velha de Tia Nastácia. E nasci vazia. (...) Nasci, fui enchida de macela (...) e fiquei no mundo feito uma boba, de olhos parados como qualquer boneca. Feia. Dizem que fui feita que nem uma bruxa. Meus olhos Tia Nastácia os fez de linha preta. (...) <sup>6</sup>

Embora já na estréia da boneca em letra impressa o leitor seja informado de que *Narizinho vive a conversar com ela*, esta menção à fala de Emília não parece torná-la muito especial. Em primeiro lugar, porque, provavelmente desde sempre e ao redor de toda terra, todas as crianças conversam com seus brinquedos. E em segundo lugar, porque os anos vinte do século passado brasileiro já conheciam bonecas que falavam *papai e mamãe*. Provavelmente importadas, e com certeza bastante caras, estas bonecas *high tech* faziam o encanto de suas donas e a tristeza de quem não podia tê-las, como aquela triste negrinha do conto homônimo<sup>7</sup> de Lobato <sup>8</sup>.

Por isso as conversas que Narizinho tem com Emília nas primeiras versões da história não parecem conferir excepcionalidade nenhuma à boneca. A excepcionalidade de Emília começa bem mais para frente, quando ela começa a falar de verdade :

- Fiquei falando com uma pílula que o célebre Doutor Caramujo me deu <sup>9</sup>.

Narrado em 1931, o episódio da conquista da fala, narrado em 1931, é fundamental na biografia de Emília. É pelo exercício da palavra, falada e escrita, que ela atinge outro patamar, transformando-se de desenxabida boneca de pano - igual a tantos outros brinquedos que participam de tantas histórias infantis - na irresistível, cintilante e espevitada criatura que encanta e desconcerta os leitores de Monteiro Lobato, maiores e menores.

Todas as histórias infantis de Monteiro Lobato contam aventuras de tirar o fôlego, sobretudo o fôlego de leitores da primeira metade do século passado, como testemunham as inúmeras cartas que o escritor recebia de crianças que devoravam seus livros e o adoravam. Através de aventuras vividas dentro ou fora do sítio, nas histórias lobatianas, a prosaica paisagem rural brasileira se transfigura pela força da imaginação das personagens. A saga estende-se pelos dezessete grossos volumes da série infantil, ao longo dos quais foram publicados os vinte títulos que constituem a versão definitiva - organizada pelo próprio autor- da obra infantil lobatiana, publicada em 1947 com ilustrações de André Leblanc.

De lá para cá, as histórias migraram para diferentes mídias: quadrinhos, rádio, televisão e agora homepages hospedaram e continuam hospedando a turma do sítio.

As histórias incluem desde aventuras por assim dizer *domésticas*, até excursões pelos quatro cantos do universo. É, aliás, nos limites das terras de Dona Benta, o ribeirão que passa por detrás do sítio - no Reino das Águas Claras- que o leitor é apresentado a Emília. Viajando tempo e espaço, céus, terras e mares, verdadeiros ou imaginários, Emília deixa marcas de sua personalidade tanto em planetas, estrelas e cometas que percorre junto com Narizinho e Pedrinho numa divertida viagem

---

Paulo - 1920 p.04 (ed. Fac-similar Metal Leve. 1982)

6 Monteiro Lobato, J.B. Memórias da Emília. SP: Editora Brasiliense 42ª ed. 1994 p. 10  
Martins, Milena Ribeiro. I Quem conta um conto ... aumenta, diminui, modifica. O processo de escrita do conto lobatiano. Dissertação de Mestrado. Uniamp. 1998

7 Cf. *Negrinha* in Monteiro Lobato. Negrinha SP: Editora Brasiliense. \_

8 Há dois belos estudos da relação entre brinquedos e crianças em dois trabalhos de Cilzas Carla Bignotto: *Duas leituras da infância segundo Monteiro Lobato* apud Lopes, Eliane Maria Teixeira e Gouvea, Maria Cristina Soares de (org) Lendo e escrevendo Lobato BH: Autêntica. 1999 (p. 101-114) e Personagens infantis da obra para crianças e da obra para adultos de Monteiro Lobato: convergências e divergências. Dissertação de Mestrado. Unicamp. Disponível em <http://www.unicamp.br/iel/memoria>. Conferir também *Infância de papel e tinta* apud Freitas, Marco César (org) História social da infância no Brasil São Paulo: Cortez Editora; Universidade de São Francisco; 1997 p. 225-246.

9 Monteiro Lobato, J.B. Memórias da Emília. SP: Editora Brasiliense 42ª ed. 1994 p. 10-11

espacial, quanto no mundo antigo, quando contracena com personagens da Grécia clássica como o herói Hércules, um centaurinho ou o político ateniense Péricles.

Numa história editada na Argentina e infelizmente não incluída nas Obras Completas do autor - *No tempo de Nero*- Emília visita a velha Roma, onde vai parar na arena de leões reservada a hereges, isto é aos cristãos. Neste cenário da História Antiga, a boneca enfrenta o perigo com o mesmo *vontade* com que havia enfrentado os riscos de viajar com Peter Pan pelo Mar dos Piratas no navio do Capitão Gancho, ou percorrido com naturalidade Europa e Estados Unidos dos anos quarenta do século XX, onde contracena com líderes políticos, artistas de cinema e outras figuras de expressão política ou midiática contemporâneas da publicação dos livros.

Mas, como já se disse, também no interior do sítio não faltam emoções fortes e Emília está sempre no meio delas.

Quando um bando de onças invade o pacífico terreiro onde se destaca o mastro de São João, é de Emília a idéia salvadora das granadas de vespas. Depois de Pedrinho aprisionar um saci na floresta próxima, Emília é que descobre um rinoceronte fugido de um circo que passa a morar no sítio, o Quindim. Quando o Visconde encontra petróleo nas terras de Dona Benta, é de Emília a solução *faz-de-conta* que, paradoxalmente, viabiliza o acesso à parafernália tecnológica necessária à extração do *ouro negro*. É também Emília quem mais aparece quando personagens de histórias clássicas como Branca de Neve, Pequeno Polegar e Chapeuzinho Vermelho fogem dos velhos livros embolorados para viverem no sítio, que também recebe figuras do cinema e dos quadrinhos contemporâneos de Lobato, como Tom Mix, o marinheiro Popeye e o gato Félix é sempre Emília<sup>10</sup>.

Neste redemoinho de aventuras vividas por um elenco tão rico e variado de personagens, o estrelato fica para Emília, que rouba sempre a cena.

De boneca de pano como nasceu, a trajetória da boneca sofre alterações significativas a partir do momento em que aprende a falar graças a uma *pílula falante* do Dr. Caramujo. A solução *pílula* foi aventada depois de Narizinho recusar, por razões humanitárias, um transplante de língua de papagaio. A consulta da boneca com o médico da corte do Príncipe Escamado é antológica:

Veio a boneca. O Doutor escolheu uma pílula falante e pôs-lhe na boca.

- Engula de uma vez! disse Narizinho ensinando à Emília como se engole pílula. E não faça tanta careta que arreventa o outro olho.

Emília engoliu a pílula muito bem engolida, e começou a falar no mesmo instante. A primeira coisa que disse foi: *Estou com um horrível gosto de sapo na boca*. E falou, falou, falou mais de uma hora sem parar. Falou tanto que Narizinho, atordoada, disse ao doutor que era melhor fazê-la vomitar aquela pílula e engolir outra mais fraca.

- Não é preciso - explicou o grande médico. Ela que fale até cansar. Depois de algumas horas de falação, sossega e fica como toda gente. Isso é *fala recolhida*, que tem de ser botada para fora.

E assim foi. Emília falou três horas sem tomar fôlego. Por fim calou-se.<sup>11</sup>

Mas que se previnam os leitores ingênuos e incautos: calou-se, nada!

Daí para frente, Emília será para sempre, uma falante de língua afiadíssima!

Ou seja: a falação que, no diagnóstico do Dr. Caramujo era consequência temporária da fala por tanto tempo *recolhida* será a marca registrada de Emília, apontada em diferentes momentos por todos e até pelo próprio narrador, que a ela se refere como *torneirinha* de asneiras.

Bendita torneirinha, e benditas asneiras!

Pois é exatamente a capacidade de fala, e seu ilimitado exercício a condição essencial para que Emília desempenhe a importante função que é a sua em todas as aventuras vividas dentro e fora

10 Sobre a intertextualidade por assim dizer antropofágica da obra infantil de Lobato cf. Adriana Silene Vieira e Maria Cristina Soares de Gouvea, em, respectivamente, *Os livros e a leitura nos textos de Lobato* (p.45-64) e *A literatura infantil e o pó de Pirlimpimpim* (p. 13-30) apud apud Lopes, Eliane Maria Teixeira e Gouvea, Maria cristina Soares de (org) - Lendo e escrevendo Lobato BH: Autêntica. 1999

11 Monteiro Lobato. Reinações de Narizinho. SP: Editora Brasiliense. 7ª. ed. 1957 p. 27-29

do sítio do Picapau Amarelo. Neste sítio, de que o narrador fornece traços realistas que se fixam para sempre na memória dos leitores, a *torneirinha de asneiras* de Emília é um achado. Pois é ela que dá vida e sentido mágico à paisagem convencional, onde se ouve porteira que ringe como as de verdade, ou se pesca no ribeirão que corre por entre pedras, ou se chupam jabuticabas nas jabuticabeiras carregadas de frutas e, às vezes, de vespas.

Não há espaço do sítio que não carregue marcas de Emília. É por isso que ela arrebatou a atenção de todos, personagens e leitores.

É graças a esta Emília falante, em cuja fala uma lógica implacável e sem papas na língua se alterna com um surrealismo cheio de *non sense* e trocadilhos, que a atuação das outras personagens lobatianas ganha originalidade. Emília sabe falar e, pela fala, convencer os outros de seus pontos de vista, o que faz dela ponto de partida das aventuras mirabolantes narradas nas histórias. Os vinte títulos da série lançam mão dos tradicionais ingredientes do gênero, mas o segredo do sucesso está na modernização e re-articulação deles.

Modernização e rearticulação das quais Emília é a grande agente.

Como outros tantos heróis tradicionais da literatura infantil, os de Lobato também são *invejáveis*, no sentido de serem figuras com as quais os leitores se identificam facilmente. Quem não queria ser criança como Narizinho ou como Pedrinho? E quem não queria conviver com crianças como eles? Todos queriam. Como todas as personagens infantis bem construídas, eles manifestam curiosidade pelo novo, têm desejos e buscam a satisfação deles; estão sujeitos a normas e padrões de comportamento, mas na busca da satisfação de seus desejos desobedecem proibições, encontram aliados e adversário, são auxiliados por objetos com propriedades mágicas... No mundo do Picapau Amarelo, tudo é, aparentemente, igual a tantos outros heróis e histórias de tantos outros livros.

O que faz a diferença dos livros de Monteiro Lobato é Emília, definitivamente estrela e musa de leitores e leitoras.

As doses enormes de ironia, de inventividade e de espírito crítico com que os ingredientes tradicionais dos livros infantis são modernizados e re-articulados na obra infantil lobatiana têm por origem a ex-boneca de trapo e macela, a partir da *pílula falante* do Dr. Caramujo, a pernóstica figurinha loquaz e desbocada de Emília, marquesa de Rabicó!

Ao contrário das outras personagens lobatianas, cuja personalidade se mantém estável ao longo de todos os títulos da série, Emília, ao exercer sua capacidade de fala de maneira inventiva, crítica e irônica, desfez uma trajetória crescente de independência. Nessa trajetória, questiona verdades estabelecidas, propõe novos pontos de vista, desafia padrões e viola normas, sendo *lida*, em função destes predicados, como *porta voz* de Monteiro Lobato, também ele um intelectual crítico e participante de todas as questões importantes da primeira metade do século XX, sobre as quais tomou partido, exprimindo suas posições sem medo nem papas na língua.

Esta radicalidade de opiniões e de tomada de posições - de Emília e de Lobato - custou não poucos dissabores ao escritor. Muitas vezes - aliás, quase sempre a protagonista dos episódios mais polêmicos da obra de Lobato é Emília. Daí, talvez, a identidade entre autor e personagem, para despeito de uma ciumenta Narizinho:

- Exigente! Você já anda bem famosinha no Brasil inteiro, Emília, de tanto o Lobato contar suas asneiras. Ele é um enjoado muito grande. Parece que gosta mais de você do que de nós - conta tudo de jeito que as crianças acabam gostando mais de você do que de nós. É só Emília pra cá, Emília pra lá, porque a Emília disse, porque a Emília aconteceu. Fedorenta...<sup>12</sup>

A história do casamento de Emília é um destes episódios polêmicos.

No primeiro título da série, Emília casa-se com o porco Rabicó, bicho de estimação de Narizinho, que o protege, escondendo-o para que ele não vire *assado de dia de festa*. Guloso e poltrão - sempre ameaçado pelos cardápios estabelecidos por Tia Nastácia - Rabicó é temporariamente

marido de Emília, que concorda em casar-se com ele com o objetivo exclusivo de virar marquesa, já que Narizinho tinha inventado que Rabicó era um príncipe disfarçado que reassumiria sua identidade original quando encontrasse um certo anel mágico. A menina espichou a história com que engabelou Emília, incluindo, para verossimilhança, a explicação de que era em busca do tal anel, que Rabicó vivia fuçando a terra ...

Emília engoliu a história. Como conta o narrador,

Ser princesa era o seu sonho dourado e se para ser princesa fosse preciso casar-se com o fogão ou a lata de lixo, ela o faria sem vacilar um momento<sup>13</sup> ( p.82)

Assim, o casamento da boneca com o porco é um casamento por interesse, e isso é explicitamente assumido por todas as personagens. Infração leve – mas já significativa- do código não escrito dos valores permitidos e desejáveis em livros infantis, onde todos aparentemente, devem casar por amor ... Infração bem menos leve é o desenlace deste matrimônio tão assimétrico. O casamento não dura quase nada: dissolve-se no mesmo dia de sua realização quando o noivo, para escândalo e indignação de todos, devora a mesa de doces.

Furioso com o procedimento do noivo Pedrinho conta a Emília o logro em que ela caíra com a história que Narizinho lhe impingira de Rabicó ser príncipe ... Indignada, a boneca proclama seu divórcio imediato o que, definitivamente, escandaliza a Igreja Católica que primeiro desaconselha e depois proíbe a leitura de Lobato em colégios católicos ...

A polêmica questão da indissociabilidade do casamento, no entanto, não é o único comportamento de Emília que escandaliza alguns segmentos mais conservadores do público brasileiro do tempo de Lobato.

Também na história de Viagem ao céu, um episódio em que Emília se envolve desagrade os mesmos segmentos que já não tinham gostado de uma personagem *divorciada* protagonizar obras infantis. Na Via Láctea, Emília encontra um *anjinho de asa quebrada*, o traz para o sítio e com medo que ele fuja, pede que Tia Nastácia  *corte a ponta da asa dele*, como se fazia para impedir que aves, voando, escapassem do cativeiro.

Um anjinho de asa quebrada e ainda por cima tratado como galinha fujona ou papagaio de poleiro era materialismo demais para certas cabeças, e conta a tradição que alguns colégios católicos brasileiros, fizeram grandes fogueiras com obra de Monteiro Lobato, num triste paródia dos terríveis autos de fé da Inquisição.

Mas não é apenas em relação a valores e atitudes religiosas que Emília põe a boca no trombone. Também o desgoverno brasileiro sai chamuscado em várias passagens das histórias infantis de Lobato. E as chamas que o chamuscam - é claro - são ateadas por Emília

Em Caçadas de Pedrinho, terceiro volume da série infantil, depois de uma caçada de onça na floresta e depois de uma invasão do sítio por onças vingativas e ferozes, um rinoceronte fugido de um circo carioca adota o sítio como *habitat* e é por ele adotado. São expedientes de Emília que descobrem o imenso paquiderme depois batizado de Quindim, e em cujo chifre a espevitada bonequinha passeia escarrapachada para cima e para baixo.

Num dos lances mais divertidos do episódio do rinoceronte, o governo monta uma força-tarefa para caçar o animal, mas os funcionários, encarregados do serviço, sabotam e, como se diz hoje, *super faturam* o projeto para auferir benesses da situação. Muito embora a incúria e malandragem dos maus funcionários deixe todos do sítio completamente indignados (a ponto de dona Benta mandar cortar o café com bolinhos dos malandros!) é Emília que resolve a questão, orquestrando um ataque de Quindim aos integrantes da força-tarefa, que os faz sair ventando do sítio para nunca mais voltar.

É esta imprevisibilidade e irreverência de Emília - como no caso de Viagem ao Céu *trivializando* um anjo ou em Caçadas de Pedrinho ridicularizando a máquina do estado - que favorece

leituras libertárias da obra de Monteiro Lobato .

No entanto, nem só símbolos religiosos ou patrióticos saem *desconstruídos* e renovados das atitudes de Emília. Também o mundo da literatura infantil tradicional , da cultura canônica e do cinema renovam-se ao contracenar com Emília, dentro ou fora do sítio .

Assim é que Chapeuzinho Vermelho , Alice ( do País das Maravilhas de Lewis Carroll ) , o fabulista La Fontaine ombro s ombro com o cineasta Cecil B. De Mille e com o velho minotauro da mitologia grega fazem da vida no sítio uma festa orquestrada por Emília, onde os leitores ganham olhos novos para ver o mundo de novas formas . Envolvido por este mundo fantástico articulado pela boneca de pano, o leitor parece *aprender* tanto a relacionar-se com naturalidade com os frutos mais desvairados da fantasia, quanto a fecundar seu mais prosaico dia a dia com exercícios de imaginação .

Como já se disse , Emília começou como boneca de trapo e, apesar de tornar-se falante, continua boneca , sempre de pano e macela, o que talvez contribua para o tremendo impacto que tem sobre os leitores de Lobato . Boneca não é gente, é verdade. Mas o que dizer de uma boneca que, como disse uma espantada Tia Nastácia, *fala mesmo, Sinhá ! fala que nem uma gente , Sinhá !* É este espanto de Nastácia, autora da Emília de pano e marcela, que também espanta os leitores da Emília de papel e tinta.

Se pela fala, ela transcende sua condição de ser inanimado, ao manter-se boneca ela goza de uma liberdade muito maior do que a dos seres humanos dos quais, afinal, é mero simulacro. Além de imortal por natureza , por ser uma criatura híbrida e mestiça, *boneca falante* , Emília desfruta do melhor dos dois mundos: o das coisas e o das gentes , fecundando um com o ponto de vista do outro e vice versa, num exercício dialético de dar vertigem em qualquer um que não seja leitor de carteirinha de Monteiro Lobato .

Como e por quê ?

Elementar, meu caro leitor ... .

Esta vertigem, este exercício sistemático de mudança de ponto de vista, de ruptura de expectativas e surpresa do leitor só se viabiliza depois que Emília começa a falar, a controlar e a gerenciar sua fala. Uma das diferenças fundamentais entre a versão definitiva da história inaugural da série e algumas de suas versões anteriores, é - como já se disse - a importância que ganha o episódio através do qual Emília torna-se falante. Tanto no bellissimo álbum ilustrado de 1920 quanto na caudalosa edição ( cinquenta mil e quinhentos exemplares ! ) de Narizinho arrebitado ( edição escolar completa) do ano seguinte, não há muita excepcionalidade no comportamento de Emília, cuja capacidade de fala é mencionada só de passagem . Afinal, na esteira das fábulas e no reino da literatura tradicional infantil - que é onde se inscreve esta história pioneira de Monteiro Lobato - os animais falam. Nessa história de estréia de Lobato, peixes, besouros e aranhas conversam com Narizinho sem que ninguém - nem a menina e muito menos os leitores - se espante . Como explica o narrador ainda canhestro, a aventura que este primeiro livro narra não foi mais do que um *sonho* .

E que vantagem tem uma história cujo fantástico se explica *pelo sonho* ? Afinal, quem não sabe, com ou sem Freud, que nos sonhos tudo é possível ? escritores sabem e os novatos abusam ...

Mas já nesta versão antiga da aventura no Reino das Águas Claras que recorre a artifícios tão tradicionais como o *sonho da personagem* que torna tudo possível, o leitor encontra uma pálida amostra daquilo de que Emília, depois, vai ser capaz. Na versão de 1920, uma ainda muda Emília já protagoniza um lance ao mesmo tempo heróico e cômico: em fraldas de camisa, ela salva Narizinho de um terrível Escorpião Negro, derrotando o temível vilão com ... um prosaico espeto de cozinha !

O que esta divertida cena - que desaparece das versões posteriores da história - antecipa da Emília futura é, por um lado, sua lealdade aos amigos, manifestada através da generosa e corajosa ação pela qual ela *salva* Narizinho do detestável Escorpião Negro. Por outro, a cena já tem sotaque emiliano : o prosaísmo da arma que ela empunha contrasta de forma hilariante com os tradicionais ( e , de resto,

inúteis ) gestos de bravura ensaiados pelo príncipe e sua guarda. O resultado, embora esteja longe do efeito cômico radical da constante carnavalização e desconstrução das cenas em que, nas obras posteriores, Emília se envolve , já promete ...

E as novas versões cumprem a promessa !

Pensando bem, o problema do biógrafo de Emília é o mesmo de D.Casmurro a propósito de Capitu: *saber se a Capitu da praia da Glória já estava dentro da de Matacavalos , ou se esta foi mudada naquela por efeito de algum caso incidente* <sup>14</sup> . O *caso incidente*, aqui, bem pode ser a ingestão das pílulas falante do Dr. Caramujo , condição inicial para a bonequinha de quarentas centímetros de altura liderar e protagonizar as melhores aventuras do sítio.

O excepcional poder terapêutico das pílulas do médico só se manifesta na versão definitiva, e em função de Emília, num cenário onde o procedimento cirúrgico pelo qual o doutor extrai as pílulas da barriga do sapo é bastante condizente com a modernidade do tempo de Lobato, e com a personalidade de Emília. Com a boneca, o fantástico no melhor Monteiro Lobato rompe a tradição do maravilhoso tradicional , e opera pela via da ciência e da tecnologia, o que não é pouco para uma heroína de saias !

Tradicionalmente, varinhas de condão, poções mágicas e fórmulas verbais abstrusas são os recursos pelos quais o maravilhoso interfere no real . Da varinha de condão da fada madrinha de Cinderela ao *Abre-te Sésamo* de Aladim o maravilhoso tradicional resguarda uma certa zona de mistério relativa ao seu *modus operandi* , que talvez faça parte do seu fascínio.

No caso de Lobato, porém, muito do maravilhoso é fruto da tecnologia, ou da paródia da tecnologia de que Emília vive cercada e que não poucas vezes toma em suas mãos.

A fala de Emília , por exemplo, deve-se a uma pílula prescrita e tomada ao longo de um procedimento médico detalhadamente descrito <sup>15</sup> e só por razões humanitárias preferido como alternativa ao *transplante* de língua de papagaio . Definitivamente, a hipótese era avançadíssima para uma época em que transplantes não se incluíam no horizonte da medicina . Também numa cena que parodia procedimentos cirúrgicos, o Visconde só ganha senso de humor quando *transplanta* para sua barriga páginas de um livro de humor ... Também o pó de pirlimpim e o súper pó , meio de transporte pelo qual as personagens todas se transportam no tempo e no espaço não foi oferta de nenhuma entidade maravilhosa, mas sim fruto de aturadas pesquisas do Visconde em seu laboratório .

O Visconde é sábio, mas Emília é quem manda nele .

Emília domina inteiramente o Visconde, fazendo-o fazer todas as suas vontades, maiores e menores e, assim, sua aliança com ele transforma-se numa aliança com a ciência e com a tecnologia . Aliança que vai se estreitar mais e mais, ao longo da obra de Lobato.

Em *A reforma da Natureza* ( 1941) e em *A chave do Tamanho* ( 1942) , Emília realiza suas ações mais radicais, manifestando-se , através delas, e com recurso à tecnologia, a força crítica e política da literatura infantil lobatiana.

As duas obras têm por cenário a segunda guerra mundial , que durou de 1939 a 1945. A Europa pegava fogo na época de lançamento de ambos os livros , e o conflito funciona como o cenário que em *A reforma da natureza* emoldura e em *A chave do tamanho* inspira as ações de Emília .

Num anacronismo curioso ainda a ser explicado por pesquisadores , o livro *A reforma da natureza* de 1941 fala de uma situação futura, onde , terminada a guerra, uma Europa em frangalhos pede auxílio de Dona Benta e Tia Nastácia :

Quando a guerra da Europa terminou, os ditadores, reis e presidentes cuidaram da discussão da paz. Reuniram-se num campo aberto , sob

14 Cf. Machado de Assis. *D. Casmurro* in *Obra completa* . Rio de Janeiro: editora Aguilar. Volume I 1962 p.942

15 cf. Lajolo, Marisa *Ética médica, literatura e Monteiro Lobato* . apud *Ser médico*. Publicação do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo. Outubro/novembro/dezembro de 2000. Ano III . no. 13 p. 43-46

uma grande barraca de pano, porque já não havia cidades: todas haviam sido arrasadas pelos bombardeios aéreos . E puseram-se a discutir, mas por mais que discutissem, não saía paz nenhuma,. Parecia a continuação da guerra, com palavrões em vez de granadas e perdigotos em vez de balas de fuzil .

(.....)

Eis explicada a razão do convite a Dona Benta, tia Nastácia e o Visconde de Sabugosa para irem representar a Humanidade e o Bom senso na Conferência de Paz de 1945 <sup>16</sup>

Também A chave do tamanho se abre mencionando o noticiário da Guerra:

- Novo bombardeio de Londres, vovó. Centenas de aviões voaram sobre a cidade. Um colosso de bombas. Quarteirões inteiros destruídos. Inúmeros incêndios. Mortos à besa .
  - O rosto de Dona Benta sombreou. Sempre que punha o pensamento na guerra ficava tão triste que Narizinho corria a sentar-se em seu colo para animá-la.
  - - Não fique assim, vovó. A coisa foi em Londres, muito longe daqui .
  - -Não há tal, minha filha. A humanidade forma um corpo só. (...) Uma bomba que cai numa casa de Londres e mata uma vovó de lá, como eu, e fere uma netinha , como você, ou deixa aleijado um Pedrinho de lá, me dói tanto como se caísse aqui. (...)
- (.....)
- Aquela tristeza de Dona Benta andava a noitecer o Sítio do Picapau, outrora tão alegre e feliz. E foi justamente esta tristeza que levou Emília a planejar e realizar a mais tremenda aventura que ainda houve no mundo. <sup>17</sup>

Se o título *A reforma da natureza* não precisa de explicações, pois anuncia exatamente o que a história conta, outro é o caso de *A chave do tamanho* que, para ser um título tão auto-explicativo quanto o do livro que o precedeu, precisava mudar para *A reforma da sociedade* .

Em ambas as obras, Emília interfere voluntaria e profundamente na ordem das coisas . Interfere na ordem do mundo natural em A reforma da natureza e na ordem social e política, através da miniaturização da humanidade, em A Chave do tamanho . Por tematizarem transformações profundas no âmbito da natureza e da cultura , estas duas obras manifestam o traço ao mesmo tempo crítico e revolucionário da personalidade de Emília, agora plenamente amadurecida .

Em A reforma da natureza , valendo-se da ausência dos demais moradores do sítio e decidida a passar a limpo uma fábula que ouvira de Dona Benta , Emília junto com a amiga carioca, a Rãzinha, reformata o mundo a torto e a direito. Sua fúria reformatória não perdoa nada: põe torneiras nas tetas da vaca mocha, torna comestíveis ( e com diferentes sabores !!) os papéis com os quais os livros são feitos e faz as laranjas já nascerem descascadas .

Como já havia sucedido em outras histórias , também aqui a leitura é o fator que deflagra a *aventura*. Emília inspira-se na leitura que Dona Benta fizera da história de Américo Pisca Pisca , sujeito que tinha pensado em reformar a natureza, mas desistira da idéia quando , caindo-lhe uma jabuticaba na testa, imagina as trágicas conseqüências de as imensas abóboras nascerem nos galhos altos das jabuticabeiras como estava planejado em sua reforma.

Ouvindo a história , Emília planeja *vivê-la* . Mas desdenha a prudência de Américo Pisca Pisca e remexe em tudo : os móveis ficam pendurados no teto em função da suspensão da lei da gravidade, os passarinhos passam a ter as costas convexas para servirem de ninho e as jabuticabas nascem rente ao chão.

As reformas *emilianas* , no entanto, não sobrevivem para além do tempo de viagem da família. Com o retorno deles , Emília é chamada às falas por Dona Benta, e dá-se o desmanche das reformas , voltando a natureza, em boa parte, ao estado em que se encontrava antes de Emília pilhar-se sozinha no sítio .

---

16 Monteiro Lobato. O picapau Amarelo e A reforma da Natureza. São Paulo: Editora Brasiliense . 7ª. ed. 1957 p. 193- 195

17 Monteiro Lobato. A chave do tamanho. São Paulo: Editora Brasiliense . 5ª. ed. 1957 p. 06-07



Na organização da obra completa de Lobato, esta história tem uma segunda parte ( às vezes publicada separadamente com o título O espanto das gentes), em que Emília, agora em parceria com o Visconde, encena um outro capítulo de interferência na natureza. Depois de o Visconde ( na viagem à Europa para a Conferência de Paz mencionada na abertura do livro ) aprender a importância da fisiologia, Emília e ele improvisam um laboratório no oco de uma árvore, onde fazem experiências com minhocas, formigas e centopéias. Tiram e põem glândulas e partes de um em outro *para ver o que acontece*.

(...) depois de descobertas as glândulas, fizeram remeximentos vários, empastelavam umas, misturavam outras, ou enxertavam as glândulas de uma formiga nas de outras para “ dobrar a força”. Pela maior parte as pobres saúvas não resistiram à operação; mas com os aperfeiçoamentos da “ técnica ” do Visconde, muitas começaram a salvar-se; e depois de “ operadas ” eram postas num pastinho, fora do oco, com água para beber e ervinhas para se distraírem <sup>18</sup>.

Uma enxurrada carrega do pastinho os animais submetidos às cirurgias experimentais e eles começam a aparecer em diferentes lugares. Estão gigantescos e monstruosos em função das alterações endocrinológicas e dos transplantes que sofreram. Assustam populações e atraem a atenção de pesquisadores de todo o mundo.

Nestes dois momentos de reforma da *natureza*, o campo experimental é o mundo físico, ao lado de plantas e de bichos. Na fala com que Dona Benta censura várias das alterações que Emília operou na natureza ( na primeira parte do livro ), uma crítica de peso é o *antropocentrismo* da reforma, já que torneiras com tetas ou frutas que já nascem descascadas é o que hoje se consideraria um *crime anti-ecológico*, uma vez que leite de vaca e frutas não existem em função exclusiva nem prioritária dos seres humanos.

Ponto para Emília, que se converte ao ponto de vista de Dona Benta !

Completamente outra é a situação narrada em A chave do tamanho.

Mas seu desenlace é semelhante ao das reformas anteriores.

A chave do tamanho, publicada, como já se viu, também em pleno pipocar da segunda guerra e uma das últimas histórias longas de Lobato. Ali encontramos uma Emília disposta a tomar em suas mãos o destino da humanidade: procurando *desligar a chave da guerra*, Emília acaba mexendo *na chave do tamanho*, o que tem por conseqüência a imediata miniaturização da humanidade.

A guerra acaba, é verdade, mas, acabado o tamanho, acaba também a possibilidade de sobrevivência de uma cultura baseada, como a antiga, na estatura adulta do ser humano. Numa viagem ao redor do mundo, Emília e o Visconde testemunham os esforços da humanidade para se adaptar à nova estatura e, a partir dela, reformatar pactos e valores da sociedade.

Este livro, com toda razão um dos mais citados como preferidos pelos leitores fiéis de Lobato, dá prosseguimento ao velho tema da miniaturização, já tendo seduzido os leitores do antiquíssimo Swift e de vez em quando retomado na literatura e mais contemporaneamente divertindo platéias com o filme *Querida encolhi as crianças*. Como a Alice de Lewis Carroll, parece que nos encanta a todos o encolhimento e o espichamento como formas de nos transformarmos em *outros*, sendo os *mesmos*.

Como já sucedera com os efeitos de sua reforma da natureza, também a reforma operada em A chave do tamanho por Emília não é definitiva. Ela submete a miniaturização a um plebiscito e, exercendo embora o *jus esperneandi* por ter sido voto vencido - curva-se à vontade da maioria que vota pelo retorno ao *tamanho natural*. Emília fica furiosa com a decisão, mas conforma-se com ela como em A reforma desfizera todas as alterações que, aprendeu com Dona Benta, eram prejudiciais ao equilíbrio do mundo.

<sup>18</sup> Vendo que não havia remédio, senão conformar-se com a opinião do maior número, Emília fungou, fungou, e com a mais nobre humildade - grande exemplo para todos os ditadores do mundo - disse para o Visconde:

A reversibilidade das reformas de Emília, entretando, não lhes tira o encanto nem o sotaque de utopia.

Estes dois livros , lidos hoje com corações e mentes que contemplam a realidade da clonagem e da engenharia genética , não deixam de provocar arrepio e espanto pelo teor de antecipação que contêm. Ficção científica a serviço de uma ficção política, como, em 1926, Monteiro Lobato – então ( infelizmente) sem o concurso de Emília- experimentara em O presidente negro .

Emília faz toda a diferença.

Emília deixa uma pulga atrás das orelhas dos leitores, que, com a falante e espevitada boneca aprendem a perguntar : e se o mundo fosse diferente ? questão que sobeja para explicar porque esta criatura de pano e macela, é das mais sedutoras da literatura brasileira e mora no coração dos leitores de Monteiro Lobato